

O Potiguar

Ano II

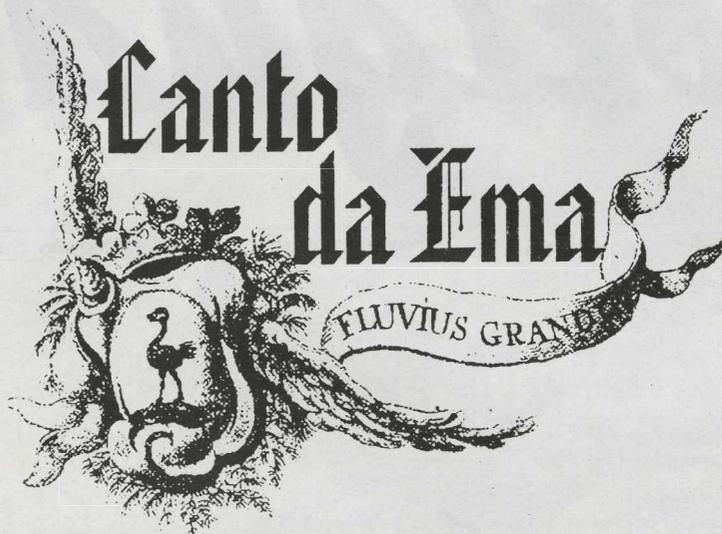
Nº 14

Agosto/Setembro 99

Distribuição Gratuita



A Descoberta do Índio



Canto da Ima

*Desamor mata lagoa
Ai que saudade do Jacó
Ai que saudade do Jacó
Onde ontem pisei água
Eu agora piso pó...*

*Eu piso pó
Eu piso pó*

Ai que saudade do Jacó...

Lagoa do Jacó

Geraldo Ribeiro Caldas

*As águas ficam passando
Lavadeira lava roupa
Roupa fica branquinha...
Os meus olhos estão chorando
Minhas mágoas aumentando
Se saudade fosse roupa
Eu garanto lavadeira
Só lavavas roupa minha...*

*A viola está tocando
No meu peito está doendo
Doendo de fazer dó
Quem me dera ver agora
A lagoa do Jacó...*

*Ela foi envenenada
Enterrada neste chão
Enterrei junto com ela
Minha alma e coração.*

*A saudade é passarinho
A saudade também voa
Eu garanto se senhor*



EXPEDIENTE

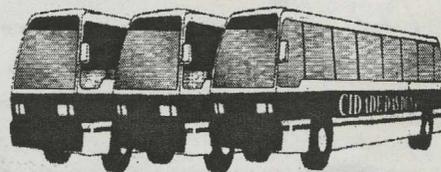
Diretor
-João Gothardo D. Emerenciano
Editor
-Moura Neto
Revisão
-João Gothardo D. Emerenciano
-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual
-Arandi Sales
Capa
-Marcelus Bob
Gerente Comercial
-Carlos Frederico Câmara
Impressão
-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

CIDADE DAS DUNAS



Av. Capitão Mor Gouveia, 874 - Bom Pastor-
Natal-RN. Tel: 205-3690

400 anos não muito bem contados

Quatro séculos de alegrias e sofrimentos, história e esquecimento; comemoração consciente ou uma jogada de marketing turístico?

Há cinco anos atrás, não me lembro ter visto os nomes de Natal, Câmara Cascudo ou Rio Grande do Norte tão exaltados pela imprensa; atualmente um desses nomes obrigatoriamente deve estar presente em qualquer frase da mídia potiguar. Será que a comemoração dos tão esperados 400 anos de Natal provocou uma mudança tão grande e repentina nos “papa-gerimum”? Por que de repente falar sobre Natal virou moda? Publicações com a temática “Natal” e/ou “RN” aumentaram consideravelmente nesses anos, isso é louvável, mas resta saber se é apenas um modismo circunstancial ou se o interesse do potiguar em saber mais sobre sua história é uma realidade latente. Minha preocupação está em querer saber se a euforia contagiante da PRÉ-festa vai durar no PÓS-festa.

É óbvio que ver o nome da nossa cidade estampado nas manchetes de jornal, bem como fazendo parte do carnaval global, infla nosso ego, deixa-nos atordoados; afinal, como diria o nosso maior folclorista, Natal é uma província.

Mas o natalense sabe realmente algo sobre a história da sua cidade? A resposta é NÃO. Se o natalense soubesse um pouco sobre a história de Natal, veria que essa comemoração dos 400 anos tanto poderia ser feita em 1999 como no ano 2000. Tudo porque não se comprovou historicamente que Natal foi fundada no dia 25 de dezembro de 1599, a data é incerta, pois a única certeza que se tem é que Natal foi fundada entre 25 de dezembro de 1599 e 06 de janeiro de 1600. Ou-

tra polêmica acontece quando se afirma que o fundador de Natal teria sido Jerônimo de Albuquerque, quando na verdade há 3 possibilidades: Manuel Mascarenhas Homem, João Rodrigues Colaço e Jerônimo de Albuquerque. Porém, na hora de festejar, ninguém quer lembrar os dados históricos, então incertezas são tidas como verdades,



porque o que vale é a festa, o que vale é ser enredo de escola de samba, o que vale é o dinheiro que vai entrar na cidade e no Estado.

Na situação atual, devemos parar e pensar o que temos para comemorar nesses 400 anos. Tivemos em nossa terra a presença de franceses, holandeses e portugueses, e... o índio, onde está o índio nessa comemoração? A história do RN, que hoje é tão comentada, será que está preservada ou segura? Aqueles que tiverem interesse em conhecê-la, podem confortavelmente entrar no

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte ou nos arquivos públicos e sentir prazer em consultar os documentos que contam a nossa história? Novamente a resposta é NÃO. Nem o governo e nem a prefeitura parecem se importar com o nosso Instituto Histórico, é uma situação lamentável ver os documentos corroídos pelas traças e alguns literalmente se “esfarelando”, mas é bonito ver que algumas pessoas que lá trabalham, mesmo sem quase nenhum reconhecimento e verba, amam a história do RN e tentam preservá-la da melhor maneira possível.

Podemos nos lembrar dos projetos de restauração empreendidos na Ribeira, na antiga Catedral, na Capitania dos Portos (atual Capitania das Artes), das reformas no Forte dos Reis Magos, entre outros projetos. Porém, convenhamos que é muito pouco, pois não adianta só mudar a aparência externa, não é uma camada de tinta que determina o valor histórico de um prédio. O que está faltando é justamente a consciência histórica, a consciência de patrimônio histórico, ou seja, valorizar e preservar tudo o que diz respeito à história da nossa cidade. É por esse ângulo que estou questionando a comemoração dos 400 anos de Natal.

Uma comemoração digna dos 400 anos da cidade do Natal somente vai ocorrer se o natalense tiver a conscientização do que ele está comemorando, se ele sentir que, junto com a cidade, também faz parte da festa. Porque apenas trazer artistas paulistas, cariocas e baianos, promover shows e enfeitar Natal com propaganda, não vai caracterizar sua memória histórica.

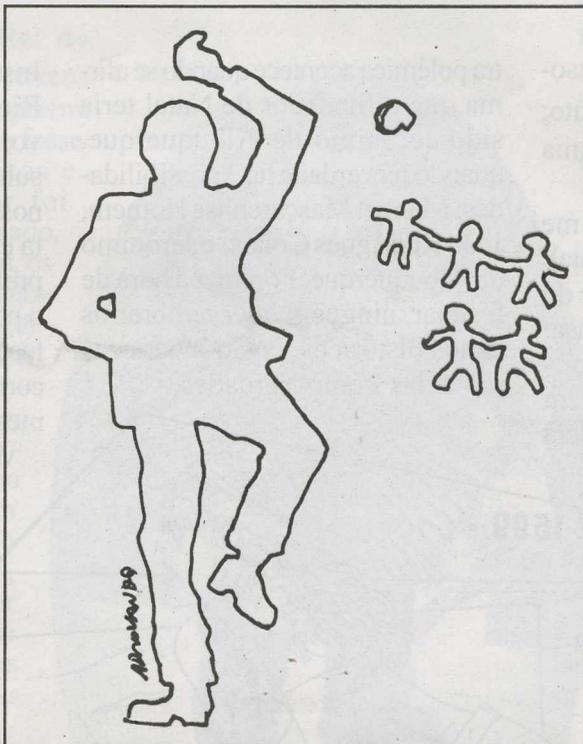
Milena Azevedo (*)

(*) graduanda do curso de História da UFRN

Donos da Rua

Creio ter sido Paul Claudel, "exilado profissional", queixando-se do desaparecimento das fisionomias tradicionais, sempre que voltava a Paris. Um *garçon* famoso, um mercador ambulante, um guarda de Museu que julgava eterno, não os via mais. Ausências empobrecendo os júbilos do regresso. Assim, a Cidade do Natal perdeu suas antigas figuras de todo-dia. As dimensões ilimitando-se, evaporaram o clima respirável por essa fauna artificial e emotiva. "A cotação de um tipo popular é tanto maior quanto menor o meio em que ele vive", observou Brito Broca, no Rio de Janeiro de 1900. Vivem os transeuntes. Os Donos das Ruas morreram. "Estevinho dos

Ovos", andando rápido, chamando "Penosas" às galinhas e "Senhoras Peruas, para não desrespeitar a mãe de ninguém!" "Doutor João", que fora "Impería Marinhêro". "Xixina", pálido, de olhos amarelos, pornográfico diluvial. "Camarão", incapaz de dizer nome feio porque punha a mão na boca ao pronunciá-lo. "Zacarias", preto esquelético e pudico, benzendo-se e repetindo "Iрге!" ao menor saracoteio provocador. "Chiquinho-Cadê-Fufu", usando de apito para responder a importunação da "molecoreba". "Paulinho", com uma pedra embrulhada para atirá-la em quem o apodasse "Maluco!" "Marianinha", pescador morenô, cujos gritos incluíam o quar-



to-de-tom, espalhando aos berros notícias pelo bairro da Ribeira. "Simoa", exibindo o sexo nas assuadas. Não recorro as constantes-e-permanentes de "Manuel Bebe-Ovo", "Sobejo de Cação", processado em 1912, "peia-Onça", "Figo Branco", "Vasilha de Dormir", "Doce de Coco", gente de miolo mole e fala suja. Não alcancei "Gonçalo Correnteza" e "Tiago Corropio", representando em Natal o orador "Budião de Escama", citado por Oliveira Lima, Glória bombástica do Recife e menos ainda "Victor Lafosse", o maior mentiroso da cidade, francês que se dizia primo legítimo de Sua Alteza e Conde d'Eu. Era menino quando faleceu o importante

"Félix Alves Gomes Barbosa de Lima e Souza", endoidando com o apelido de "Felinho Cocô". Aparecia o pernambucano "Inocência Bico-Doce", declamando Castro Alves traduzido pelos Estudantes:

"Sabem quem foi Ahasverus? um título prescrito

Que tinha na frente o nome escrito

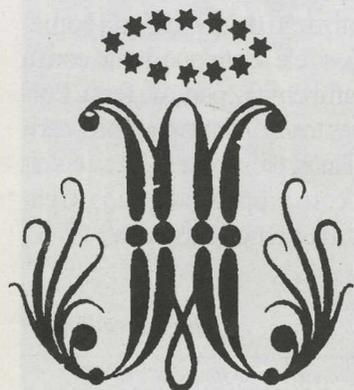
E um selo atrás?"

Resposta no "sereno" "Sei! É Inocência Bico-Doce!" Tempestade obscena e fim do recital. Não os confundo com as popularidades efêmeras que "font leur petit tour" e desaparecem: propagandistas eleitorais, arrendados ou em causa,

vendedores cujo pregão tornou-se familiar, oradores complementares e burlescos, inevitavelmente aclamados pela oratória "gozada". São presenças episódicas e pouco duradouras. Jamais participarão da Vida, ou, como dizia João do Rio, da alma encantadora das ruas ...

Luís da Câmara Cascudo

Extraído do livro *Ontem: Maginações e Notas de um Professor de Província. Natal: EDUFRN, 1998.*



-UNBEC-
COLÉGIO MARISTA DE NATAL
100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br>
@natal-marista.com.br

Beco da Lama

Sobre a foto de muitos anos, amarelecida, desvendo passos e lembranças. O velho Beco da Lama, que eu também poderia cantar num dístico cheio de elipses mentais. A foto tem dez anos. Eu passava ali, repórter de um jornal. Amigos simples descobriam a cabeça, tirando o chapéu. Invariavelmente, meus amigos do Beco usavam chapéu. Chapéu de feltro, chapéu de pano, chapéu de palha, como havia chapéu para ser tirado à passagem do pobre repórter.

No bolso, pouco dinheiro. Mas havia riso na alma. Contava as notas e via que dava para comer um bife de fígado no "Restaurante Pérola", onde comi os melhores bifés de fígado de toda a minha vida. Eram espessos, generosos, sangrentos e acebolados. E o garçom caprichava comigo, de quebra, uma enorme cebola extra deitada em um prato e dois vidros de pimenta: um de molho inglês, outro de malagueta. (Agora, lembro que, quando eu era menino, ouvia lá em casa os mais velhos chamarem o molho Inglês de molho vegetal, e eu fiquei com uma curiosidade incrível para conhecer o mineral e o animal, até hoje ...)

No Beco, encontrava Seu Pedro, o tanoeiro, mestre na arte de fazer bicas. Gordo, usava umas camisas enormes que pareciam verdadeiras bandeiras a envolver-lhe o corpo. Quando me via, abria o rosto num riso como sua alma e eu sabia que era hora de tomarmos uma meladinha no boteco de Nasi. Mestre Nasi, descendente de árabe, narigão a despencar-se sobre o rosto, era o dono das melhores meladinhas do Beco. Senão da cidade inteira. Caninha, mel de abelha e dois pingos de limão. Havia sempre para tira-gosto um caldo de feijão de ale-

grar os corações mais duros, ou uns miúdos de galinha, que eram a graça da casa.

Até o mestre Nasi mudou-se do Beco. Esse Beco que nas quebradas da noite, ficava soturno como uma alma penada, três ou quatro lâmpadas, soltas aqui ou ali, a iluminar a sua solidão. Era a noite dos bêbados trôpegos e das mulheres errantes. Na foto de 1968, o poste que não existe mais, com o velho abajur de ágata a guardar uma lâmpada cheia de enigmas. E parece que ouço o vento, solitário vento, correndo por ali, para desfazer-se num sopro só, lá adiante, na Rua Ulisses Caldas. Beco da Lama, nunca te louvaram, te louvo agora na lembrança que essa velha foto desvenda.

Berilo Wanderley

Extraído do livro O Menino e Seu Pai Caçador. Natal, 1980



HIPOCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947

O Palácio Potengi

O PALÁCIO POTENGI foi tombado pelo IPHAN, em 1965. Ele foi construído no local onde em meados do século passado funcionavam a Assembléia Legislativa e a Tesouraria Patrimonial.

O primitivo edifício, cuja fachada principal voltava-se para a rua da Conceição, apresentava um beco em sua lateral esquerda, conhecido como Beco do Erário, hoje inexistente. Um quarteirão inteiro foi demolido e em seu lugar foi edificada a praça 7 de setembro.

Inicialmente, cogitou-se em recuperar o prédio original, mais depois de elaborado vários projetos, o então presidente da Província, Olinto José Meira, determinou no seu relatório anual de 1866, que o prédio fosse totalmente demolido e que em seu lugar fosse edificado um novo; mais amplo e com capacidade para abrigar não somente a Assembléia e a Tesouraria, mas também a Câmara Municipal, o Tribunal do Júri e mais algumas repartições.

Naquele mesmo ano de 1866, teve início a construção do prédio, mediante projeto do engenheiro Ernesto Augusto Amorim do Vale. A construção foi considerada superdimensionada para a época, o que não impediu a continuidade das obras, que perduraram por quase oito anos.

O prédio foi afinal concluído e inaugurado em 17 de março de 1873. Custou à Província a quantia de 139: 169\$066 (cento e trinta e nove contos, cento e sessenta e nove mil, cento e sessenta e oito



Foto: Adrovaldo Claro

apresenta janelas rasgadas, com guarda-corpo de ferro, e na parte central uma sacada corrida.

Ostenta um frontão triangular com brasão no timpano. Sobre a janela central, vê-se a inscrição de uma data – 1868 – provavelmente o ano de conclusão da fachada, pois não guarda qualquer relação com o início ou a conclusão das obras.

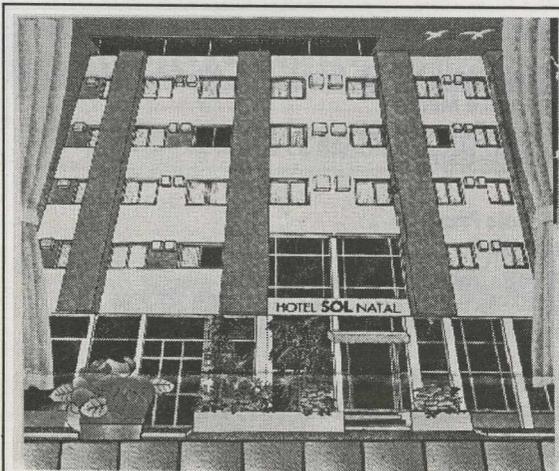
O edifício continuou abrigando o Tesouro Provincial até 10 de março de 1902, quando o então governador Alberto

Maranhão transferiu a sede do executivo, da rua do comércio (atual rua Chile), na Ribeira, para o prédio da praça 7 de Setembro, na Cidade Alta.

O palácio passou a denominar-se *Palácio Potengi*, através do Decreto nº 2.521, de 10.12.1954. Na ocasião foram inauguradas obras de conservação realizadas no prédio. As festividades contaram com a honrosa presença do então Presidente da República, o norte-rio-grandense Café Filho.

Em 1995, a governadoria foi transferida para o Centro Administrativo, e o *Palácio Potengi* passou por obras de conservação, realizadas pelo Governo do Estado em convênio com a Fundação Banco do Brasil. Atualmente funciona como *Palácio da Cultura* e abriga a Pinacoteca do Estado.

Jeanne Fonseca Leite Nesi



HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

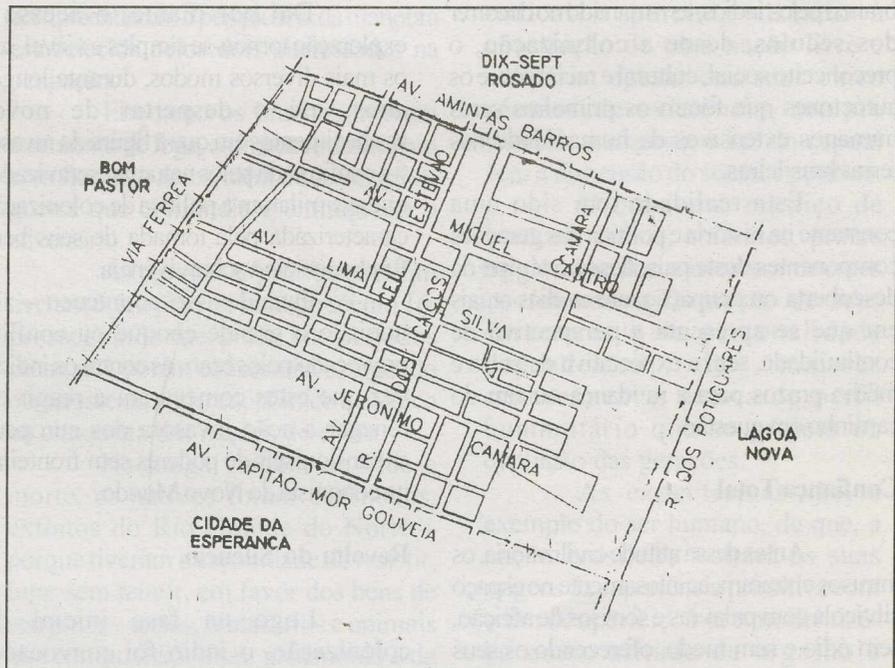
Nossa Senhora de Nazaré

O nome do bairro de Nossa Senhora de Nazaré foi uma homenagem prestada por um dos seus fundadores, o ex-vereador Geraldo Arcanjo, inspirado em Nazaré da Mata, Pernambuco, sua terra Natal.

Um dos moradores mais antigos, o senhor Manoel Salviano de Oliveira, figura muito considerada na comunidade, é profundo conhecedor da história do bairro, bem como dos problemas que afligem a área. Conta ele, que Geraldo Arcanjo, funcionário aposentado da Prefeitura de Natal e um pequeno grupo chegaram às terras pertencentes a Nazaré em 1964. O lugar era areia e mato, conta Salviano de 74 anos. Tudo começou com a fundação do Círculo Operário, que reunia alguns moradores que viviam no núcleo original da povoação e que desejavam melhorar as condições de habitabilidade do lugar.

Na condição de motorista da Secretaria Municipal de Obras, Geraldo Arcanjo contribuiu para a implantação da Avenida 6, que já estava demarcada. Em suas horas vagas, enchia o caminhão com barro ou qualquer outro material mais sólido e completava os acessos. Por essa época diversas avenidas, hoje conhecidas, foram demarcadas. A primeira delas foi a Amintas Barros, em seguida a Miguel Castro, depois foram a Lima e Silva e a Jerônimo Câmara.

Lembra o Sr. Salviano que, nesse período, a Lagoa de São



Conrado era uma baixada com mata de pau-ferro, que foi sendo devastada e foram retiradas terras da lagoa. A Avenida 9 era apenas uma vereda que se tornou, efetivamente, uma via de acesso na gestão de Agnelo Alves.

A ocupação original do bairro foi nas proximidades da Escola Judite Bezerra, garante Sr. Salviano. Mas, somente com o loteamento realizado pela imobiliária, inúmeras famílias puderam ali se instalar. Antes haviam casas esparsas, inclusive a do Sr. Salviano, que comprou um terreno de posse longe do núcleo original. Terrenos de proprietários, como o loteamento 100 da Sra. Norma Nunes Viana, um dos maiores do lugar, de Militão e Raimundo Chaves; da Imobiliária F. G.

Pedrosa, e outros, foram loteados e vendidos.

Com abertura de estradas e o loteamento das terras, a comunidade passou a se desenvolver, a construir suas casas e a reivindicar melhorias. Como prova da mobilização comunitária, foi eleito vereador o Sr. Geraldo Arcanjo, benfeitor do bairro de Nazaré.

Oficializado bairro pela Lei 3.576, de 11 de setembro de 1987, Nazaré teve seus limites redefinidos quando de seu desmembramento através da Lei nº 4.329, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial do Estado em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro.

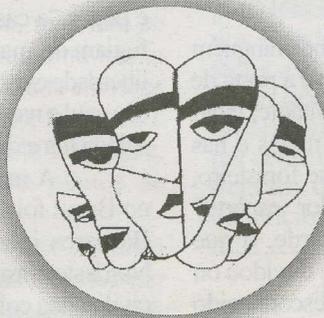
SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104



Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Vigário Bartolomeu,
nº 594, Sala 108 ED.Ouro
Center - Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

Preconceitos Restringem Co

O homem civilizado – chamado de branco pelos índios, tem mantido no decorrer dos séculos, desde a colonização, o preconceito social, cultural e racial sobre os autóctones que foram os primeiros seres humanos extensivos da humanidade nas terras brasileiras.

Esta realidade tem sido uma constante na história e política das gerações componentes deste país, desde o tempo da descoberta ou ocupação, até os dias atuais em que se apresenta a perspectiva de continuidade, sem a expectativa de curto e médio prazos para a mudança ou fim do caminho em questão.

Confiança Total

Antes dessa atitude civilizatória, os intrusos entraram, acintosamente no espaço silvícola com palavras e sorrisos de afeição, sem ódio e sem medo, oferecendo os seus presentes ou bugigangas de valor inexpressivo, visando apenas à conquista e amizade dos adultos e crianças isolados do mundo dito civilizado.

Foi essa a melhor forma que os europeus encontraram, inicialmente, para fazer a dominação cultural de povos que jamais tinham visto os produtos e objetos das transformações ocorridas entre os séculos 14, 15 e 16, quando os indígenas sul-americanos ainda estavam na idade da pedra lascada.

Antes da ação posterior ao descobrimento ou invasão, os povos nativos tinham todo o seu instrumental de caça e pesca baseado nos artefatos de pedra e madeira, depois de haver passado pelo aproveitamento do osso na confecção de seus objetos utilitários em atividades domésticas de 30 a 40 mil anos antes de cristo.

O espelho e o facão de ferro – oferecidos a mulher e ao homem autóctones, tiveram o mesmo valor de um automóvel que porventura fosse posto à disposição de alguém da classe pobre nos dias atuais – ou seja, ambos simbolizam um bem de riqueza, nas devidas proporções do tempo e das condições econômicas.

Após esse procedimento, ninguém resistiu em abrir o seu coração e a porta de sua taba para a entrada do visitante, tanto em sua moradia, quanto nas matas e nas comunidades, mesmo que esse forasteiro, pirata e até mesmo “explorador esperto” viesse para dominar, mais tarde, o que pertencia ao nativo que jamais duvidou ou desconfiou das intenções do desconhecido

procedente do mundo civilizado.

Daí por diante, o acesso à exploração tornou-se simples e viável, sob os mais diversos modos, durante longos anos, até o despertar de novos conhecimentos em que a figura do invasor foi confirmada pelos naturais escravizados que assimilaram a política de colonização caracterizada pela tomada de seus bens fundamentais à sobrevivência.

Quando isso aconteceu – foi iniciado o grande choque ou conflito provocado pelos brancos contra os índios, vez que estes começaram a reagir ou renegar a ação invasora dos europeus expansionistas de poderes sem fronteiras na conquista do Novo Mundo.

Revolta do Silêncio

Logo na fase inicial da colonização, o índio foi convocado, acintosamente para o trabalho na produção dos colonizadores estimulados pelos governantes, em regime forçado ou de escravidão, sob ameaças e de forma obrigatória no silêncio das selvas em que viviam.

Com essa medida estabelecida nas sesmarias doadas pelo reino, as tribos e nações indígenas foram dispensadas e, lentamente desfeitas com a mudança ou transferência dos nativos para as fazendas e engenhos de cana de açúcar, enquanto outras deixaram suas terras por regiões inexploradas.

Os historiadores jamais tiveram a preocupação de examinar esta questão com afincos, considerando basicamente, a escassez ou falta de informações sobre este assunto que certamente, causaria grandes transtornos para os civilizados, especialmente aqueles que levantaram a bandeira da descoberta dessas terras, antes habitadas pelos homens primitivos.

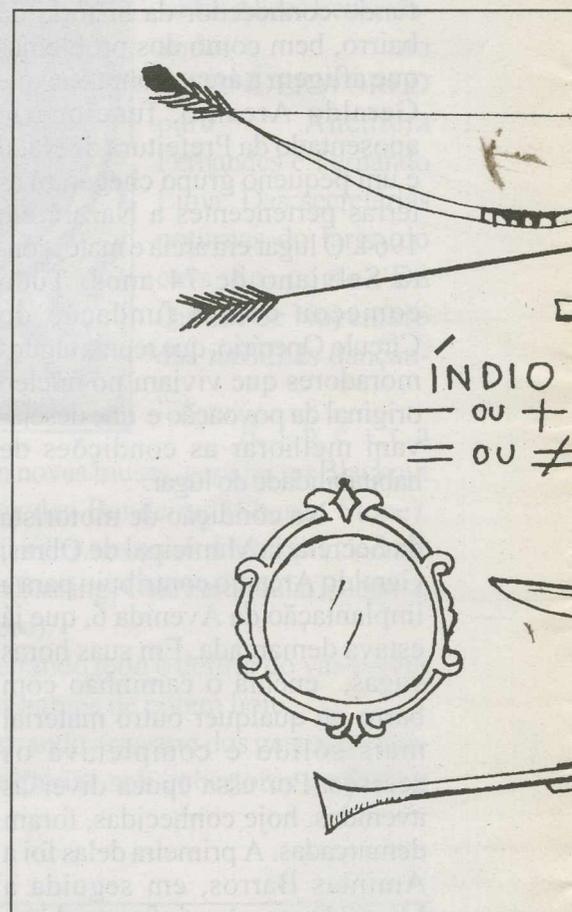
Foram inúmeras as tentativas de libertação do índio sobre os brancos no decorrer de três séculos, mediante as revoltas pacíficas e, posteriormente violentas, depois de atacados, perseguidos e pégos “a cascos de cavalos”, enquanto fugiam de mata a dentro em busca de sua liberdade existente no verde das selvas, no céu azul e nas águas límpidas sob a luz do sol, da lua e das estrelas.

A maior das Guerras Indígenas no Brasil foi denominada de Guerra dos Bárbaros iniciada a partir de 1687 no Nordeste brasileiro, sob a provocação dos civilizados colonizadores de Portugal, da

França, Espanha e Holanda, de modo intrigante, jogando índios contra índios, ao mesmo tempo em que as tropas oficiais tiravam proveitos para responsabilizar estes por tais acontecimentos.

Em consequência desse jogo sujo feito com traição e covardia, o maior resultado foi a dominação pela tirania, ou seja, o colono civilizado da Europa – conseguir o domínio econômico em nome da paz e das religiões que procuravam se expandir pelo mundo.

Apesar de não ter o reconhecimento dos historiadores, o Rio Grande do Norte foi o palco



mundial da extinção do índio, feita paulatinamente de 1497 a 1825, no decorrer de 328 anos, motivo pelo qual, hoje em dia, somos o único Estado da Federação sem os remanescentes diretos e legítimos do homem primitivo.

As demais unidades da Federação, sem exceção, após os 400/500 anos da descoberta premeditada, mais precisamente do reconhecimento, ao contrário do RN – ainda hoje tem algumas tribos indígenas demonstrando que suas origens não foram extintas de forma biológica e cultural.

Nos litorais e sertão do Estado, mesmo levando em conta a escassez da pesquisa antropológica e arqueológica, são reais e encontráveis as peças utilitárias deixadas pelas populações primitivas, desde a idade da pedra lascada, ou seja, de 40 a 60 mil anos atrás,

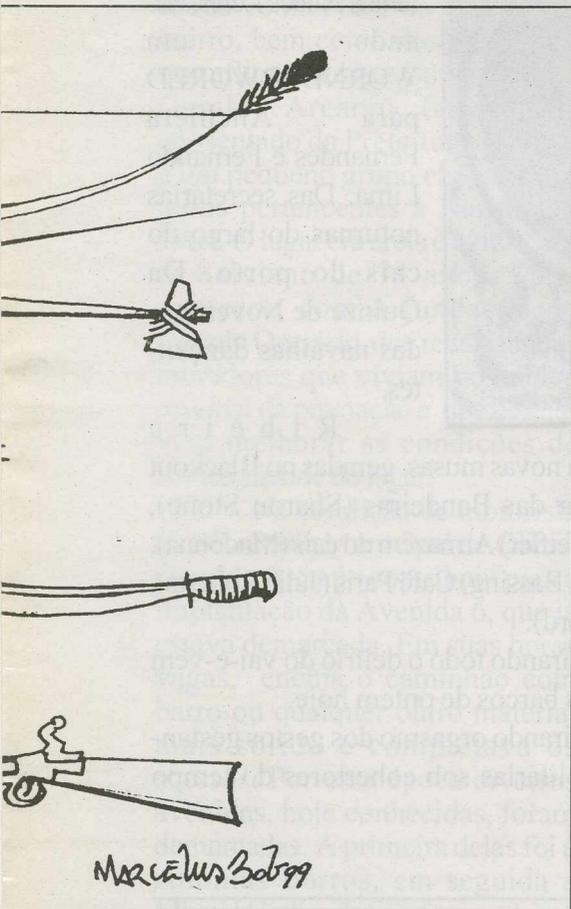
Conhecimento Universal

assegurando a presença do homem das cavernas e do nomadismo no espaço físico que veio ser o Nordeste, inclusive o Rio Grande do Norte.

A pequena história conhecida acerca dos últimos três séculos revela, em poucas linhas, que o homem primitivo foi quem soube e teve a capacidade de reagir, sem o sucesso esperado, às invasões e tomadas dos bens naturais localizadas na área territorial do Rio Grande.

- Quem foram esses nativos da resistência?

Os parques conhecimentos da história



indicam que os resistentes em questão – foram os índios da nação Tarairiu, sobretudo os da tribo Jandui liderada pelo chefe que adotou este nome.

Jandui e seu povo viviam pelo sertão percorrendo grandes distâncias, desde o Nordeste até o Norte, sem adotar um lugar definitivo e permanente, caçando, pescando e coletando frutos, morando ao ar-livre, fazendo guerras e festas – tudo como meio de sobrevivência.

Foi em consequência das frequentes provocações, invasões e conflitos causados pelos brancos que Jandui com seus guerreiros do sertão, desceram para o litoral, depois de incentivados pelos holandeses para o combate aos portugueses.

Os flamengos não tiveram a coragem de enfrentar os seus inimigos – os portugueses, daí porque jogaram os índios contra o reino de Portugal que pretendia expulsar os nativos

defensores do seu próprio *habitat*, sem compreenderem a perspicácia da manobra estabelecida pelos dois interessados na ocupação.

Enquanto os brancos usavam suas armas de fogo, os índios se defendiam com flechas e arcos, além de sua tática de guerra que confundia e enfraquecia o adversário.

As revoltas e guerras sem fim tiveram o seu pico no final do século 16, prosseguindo até o 19, em períodos estanques, porém consecutivos, segundo o interesse do poder econômico e político na conquista das nações de então.

Na longa viagem de vida e morte, os nativos foram dizimados, extintos do Rio Grande do Norte – porque tiveram a capacidade de resistir, lutar sem temor, em favor dos bens de seu povo – terras, matas, rios e animais que compunham o seu patrimônio e da humanidade.

No processo de extinção – foram-se, também, os seus usos, costumes, hábitos e toda a sua cultura de que resta, apenas, um pouco das cinzas do fogo feito pelos civilizados provenientes do Velho para extinguir o Novo Mundo.

Raízes Culturais

Na estrutura da guerra camuflada – reforçada com traições, covardias, prepotência, jogo sujo, incoerência, roubo, desonestidade, intrigas, assaltos, assassinatos e outros crimes – formou-se a personalidade e o caráter brasileiro que predominam o comportamento de ontem e de hoje.

Esta caracterização, infelizmente, ainda prevalece na maioria do brasileiro mestiço que não conseguiu abrir novos caminhos para viver de modo coerente, justo e solidário em consonância com o homem e a sociedade, como parte integrante e completa desta, na dimensão do universo e da humanidade.

Aqui, explica-se, mas não se justifica o fato de sermos uma nação dividida, separada e estancada em ricos e pobres, pretos e brancos, famintos e miseráveis, Norte/Nordeste e Sudeste, sábios e ignorantes, sem planos de igualdade e harmonia.

As profundas raízes culturais adotadas pela colonização – cresceram e se multiplicaram em dimensão nacional,

sem terem sido seccionadas de modo radical e parcial, visando à construção de uma nação livre e solidária, apesar dos seus cinco séculos de existência, sempre mantida e exposta à luz do capital sem a dimensão do social e político.

O brasileiro mestiço de brancos, índios, amarelos, pretos originários dos vários continentes continuam na formação de seus caracteres e da personalidade dependentes de maiores conhecimentos acerca do perfil humanitário que se projeta na evolução das gerações.

As expectativas são, a exemplo do ser humano, de que, a nação brasileira voltará às suas origens da experiência primitiva com o fim de aperfeiçoá-la e modernizá-la, como atitude de orgulho e coerência para o seu bem-estar, a sua plenitude de vida na perspectiva da cultura, sabedoria, paz, alegria e justiça – como produtos acumulados e geradores da ciência.

Para que isso aconteça – torna-se necessária a ampliação do conhecimento aos recursos energéticos da natureza, a partir da potencialidade mental para a descoberta ou reconhecimento das forças universais sobre os seres animados e inanimados, segundo o potencial do homem no plano divino.

A grande transformação ou mudança será possível – quando o sábio estiver unido, integrado com o ignorante, neste caso o saber do homem primitivo que absorveu, naturalmente, a massa de informação do universo em que vivemos, mediante a pesquisa, o treinamento e assimilação dos conhecimentos que estão acima da ciência acadêmica.

Esta situação será adotada no Brasil, a exemplo do que acontece em diversos países, especialmente da Europa – de preferência na França, assim como nos Estados Unidos – onde a arte, técnica e ciência do pêndulo deixou de ser uma atividade enigmática ou misteriosa para a descoberta dos 90 por cento dos valores universais que deixam de ser aproveitados em benefício do ser humano.

Arlindo Freire

Ribeira Ontem & Hoje

Ribeira sempre viva. Ribeira camaleoa permanente. Simbiótica mulher temporal de cada época. Fusos horários carnais de carnavais. Trampolim do desejo.

Ribeira ribeirando noites lisérgicas dos neg(ócios), ofícios ancestrais dos ossos. Bares bordéis delíricos de mangue potiguar. Refoles em tarde pirata.

Ribeira beira rio. Ventre nostálgico do bardo bêbado barco de sexus, nexus e plexus. Travessia de cangulos e xarias. Harlen da Alcatéia Maldita. Berçário catalino das águias de aço.

Ribeira ribeirando madrugadas de agora outo-
ra, atravessadas pelo sonho boêmio que nunca abortou. Cegonha quatrocentona.

Ribeira trampolim das lubricidades noturnas dos sábados e das lassidões diurnas dos domingos, emergindo vôo marinhos nos embarcadouros do velho Potengi via Redinha.

Ribeira ribeirando ontem com os porres homéricos de Açucena, Itajubá, Jorge Fernandes, Câmara Cascudo, Vivente Farache, Luís Barbalho e Newtom Navarro.

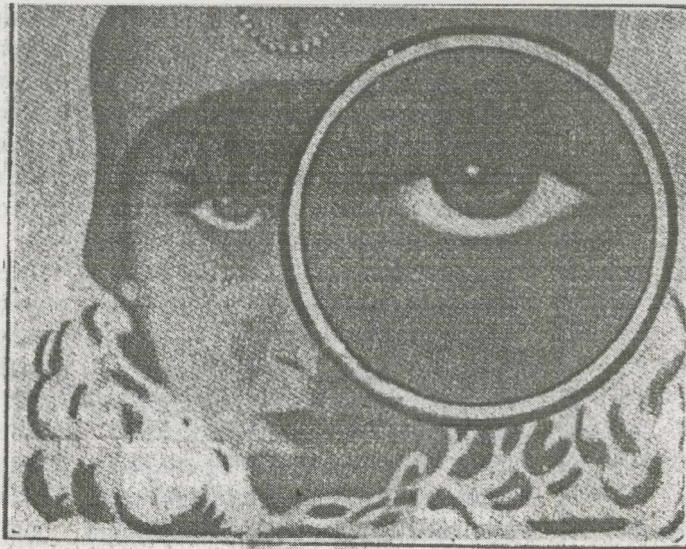
Ribeira mítica de Isabeles, Lauras e Beatrizas que sonhavam touradas de Madrid com Tyrone Power.

Ribeira das gordinhas alegres e libidinosas de Felline às madonas lascívia de Falves Silva. Do folclore de Zé Areia e Teodorico Bezerra. Da confeitaria Delícia ao Anjo Azul com J. Medeiros e Lulu Batovic, sonhando pierrot e colombina.

Ribeira de todas as mulheres hollywoodianas, aportadas na memória das gerações do Argêpe (Greta

Garbo), Plaza (Marlene Dietrich), Paris (Brigitte Bardot), Casarão (Lana Turne), Alabama (Ava Gardner), Andaluzia (Kim Novak), Ideal (Marilyn Monroe). Do Francesinha com todas as gafeira e as mutucas de carne verde de Dona Maria Clandestina das Rocas.

Ribeira da imaginação. Do Beco da Quarentena de Pegado. Do Grande Hotel. Do Wonder Bar. Da Peixada Potengi. De tantas Alices Lews, criando um WORNDERWORLD para Anchieta Fernandes e Fernando Lima. Das secretárias noturnas do largo do cais do porto. Da Quinze de Novembro das navalhas dançantes.



Ribeira ribeirando hoje com novas musas, geradas no Blackout (Demi Moore), Bar das Bandeiras (Sharon Stone), Itajubar (Michelle Pfeiffer) Armazém do cais (Madonna), Boate Segredo (Kim Basing) Café Paris (Júlia Roberts), B52 (Cindy Crawford).

Ribeira ribeirando todo o delírio do vai-e-vem dos bardos bêbados barcos de ontem hoje.

Ribeira ribeirando orgasmo dos gestos gestantes das volúpias solitárias sob cobertores do tempo urbanóide.

Bianor Paulino.

**Natal, em meio à festa dos 400 anos,
um gesto natural:
o apoio do Vereador EMILSON MEDEIROS
à cultura de sua cidade natal**

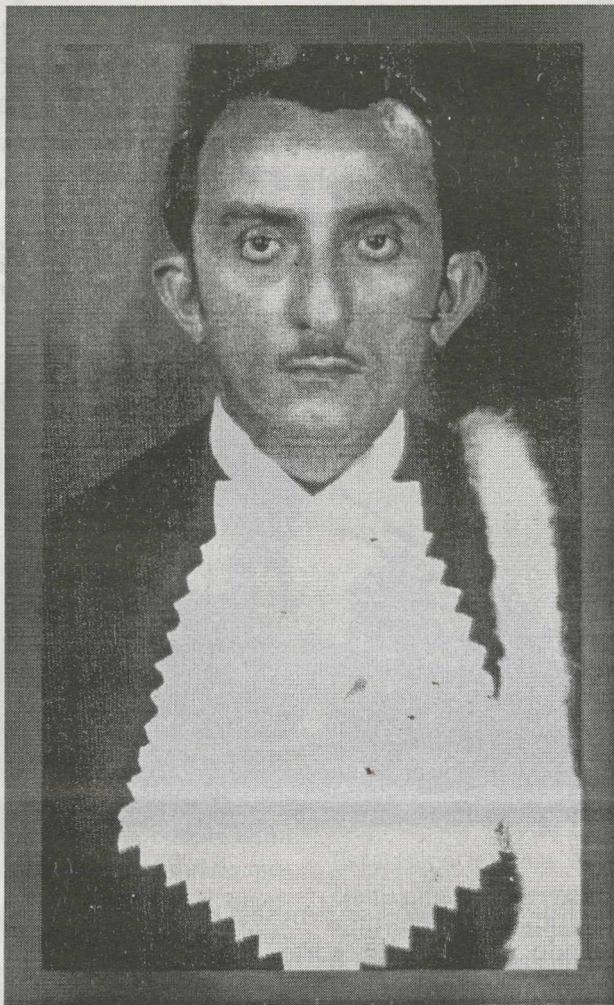
Esmeraldo Siqueira

NOTA BIOGRÁFICA

ESMERALDO HOMEM DE SIQUEIRA nasceu em 16 de agosto de 1908, na cidade de Vilanova, hoje Pedro Velho, no Rio Grande do Norte. Filho de Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti e Maria Joaquina de Siqueira Cavalcanti.

Estudou no Colégio Santo Antonio e no Atheneu Norte-rio-grandense. Formou-se em Medicina pela tradicional Faculdade do Recife, em 1933. Médico, nos anos 30, na Região do Seridó-RN, e em Natal, na rede pública de Saúde.

No início dos anos 40 e até o final da década de 70, trabalha como professor. Inicialmente, ensinando História Natural e Língua e Literatura Francesa, respectivamente na Escola Normal e no Atheneu. Em seguida, ainda no magistério, participa da fundação das primeiras unidades da UFRN, como é o caso das Faculdades de Farmácia, Odontologia e



Filosofia.

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, autor de vários livros de prosa e verso. Na poesia, publicou "Caminhos Sonoros", "Novos Poemas", "Trovas", "Música no Deserto", "Pretéritas", "Poe-

mas do Bem e do Mal". Ao morrer, em 20 de junho de 1987, deixou um grande número de inéditos.

Esmeraldo Siqueira, cidadão livre e progressista, esposo e pai, foi um homem dos livros, pelos livros e para os livros. Contrário às reverências aos poderosos e aos círculos dos privilegiados, tem sido objeto da vingança mesquinha da mediocridade. Um nome que foi, não se sabe claramente por quem, condenado ao esquecimento. Mas que, pela generosidade das novas gerações, está sendo resgatado.

Esmeraldo escreveu seus poemas de acordo com seu credo libertário: romântico, parnasiano, simbolista, moderno. Um humanista. Portador de uma memória prodigiosa e de uma cultura enciclopédica, sua vida e obra serão reconhecidas pela justiça da história.

Juliano Siqueira

VEREADOR

Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR



VEREADOR PT

OLEGÁRIO

MANDATO VIVO

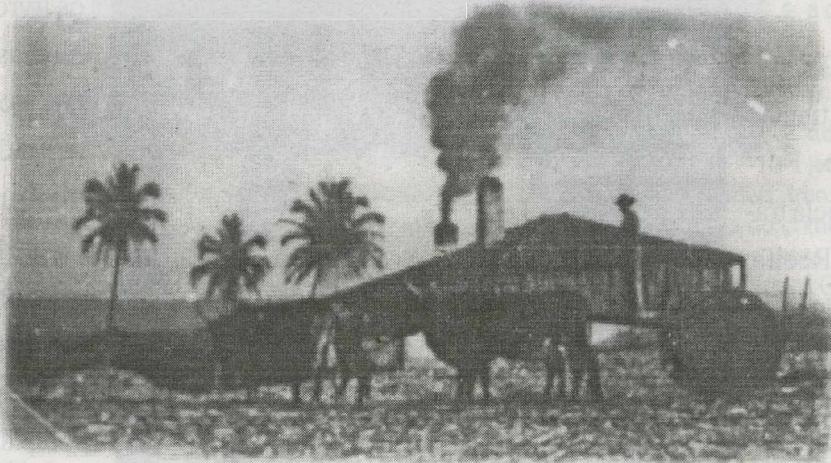
PIABUSSU

A quem viajar pelas terras longínquas do vale, há de encontrar por detrás do espigão, um engenho em ruínas, tragado em parte pelo mato invasor e abandonado a muito tempo. É um casarão clássico dos engenhos antigos erguido a tijolo, cal e com um muramento em pedras. Janelas e portas já não existem. Do seu alpendre, restam apenas algumas ripas e caibros arruinados pelo tempo. Suas paredes, é um escoar, de rachaduras sem fim. A chaminé semi-destruída, mais das vezes deixa escapar pela madrugada, uma fumaça escura, quando morcegos às centenas esvoaçam em seu interior assustados pela luz matutina.

É a poeira do tempo deixando sair dela as lembranças de uma época feliz em que *Piabussu* foi um engenho rico e próspero.

Lá se foi pelos morros até perder-se à distância os seus canaviais. Já não se escuta o ronco dos tratores na pegagem do inverno, arando as

terras e massapés; nem homens na lida cavando as covas para plantar as bandeiras de cana. Vingada a planta, já com um palmo de tamanho, vinha a adubação com estrumo de gado e adubo vindo da fomalha que hoje já não queima.



Passados seis meses, o canavial entrava em corte. Havia os que cortavam a cana a facção rabo-de-galo, enquanto outros cuidavam da sua amarração. Os feixes eram entregues aos cambiteiros cuja tarefa era botar a cana para o engenho com a ajuda dos jumentos. Terminada esta etapa, vinha o vigário para abençoar a moagem. Cabia ao foguista providenciar a pressão na caldeira para dar força para o engenho moer. Com a

pressão a quarenta libras, o maquinário começava o trabalho. Lá estavam a postos o fomalheiro fervendo a guarapa, o mestre de açúcar e seu ajudante, o bagaceiro, o puxador de bagaço, o banqueiro, o cevador de cana... Com o paró

cheio (tanque grande), o engenho apitava.

Dos seus maquinários e afins, constavam uma fomalha, a moenda, a caldeira, o paró, taxos, caxixi, resfriador, secador, alambique e outros.

Os seus produtos? Quantos! garapa, aguardente, mel de engenho, açúcar bruto, açúcar,

rapadura, melaço, álcool, vinagre...

Mas, o mundo esqueceu *Piabussu*, trocando-o por um progresso cigano que nem uma semente plantou. E, no sabor dessas fantasias – das suas viagens maravilhosas, lá está *Piabussu*, habitado pelos fantasmas silenciosos do passado, atestando calado e mudo uma riqueza morta...

Newton Lins Bahia

INSTITUTO ODONTOLÓGICO DE NATAL

PREVENÇÃO - ESTÉTICA E REABILITAÇÃO ORAL-PRÓTESE

*Drs. Francisco das Chagas Pinheiro
Maria Valдите Germano Pinheiro
(Cirurgiões Dentistas)*

Rua Gonçalves Lêdo, 682 -Cidade Alta -
TELEFAX:(084) 222-4352 - 222-5080-



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte
de valores LTDA.

■ Av. Campos Sales, 682-Tirol- Tel.:(084)211-7888/ 211-3159
(fax): 211-3159.
■ Rua Epitácio Pessoa, 527- Bom Jardim-Mossoró/RN-

“Uns fesceninos”

Depois de ver o seu trabalho **UNS FESCENINOS** – obra prima da poesia burlesca potiguar – ser recusado por oito gráficas cariocas, o escritor Osvaldo Lamartine de Faria, finalmente em 1970, conseguiu a sua publicação através da editora Artenova, na coleção denominada **Erotika Lexiton**.

Reunindo o que há de melhor na poesia fescenina tupiniquim, o autor preocupou-se em resgatar a literatura oral e seu conteúdo explicativo.

Fazem parte da antologia – ilustrada pelo artista POTY LAZZAROTO – Abner de Brito, Coriolano Ribeiro, Damasceno Bezerra, Enéas Caldas, Jayme Wanderley, José Areias, José Coriolano, José Medeiros, Luis Wanderlei, Mariano Coelho, Milton Ribeiro Dantas, Moisés Sesyom, Pedro Luz, Ramiro Capitão, Ramiro Dantas, Renato Caldas, Zeca Galo e versos de autores desconhecidos.

Apresentamos aqui alguns dos “causos” – registrados pelo autor – que redundaram na “inspiração” dos poetas Bocagianos Potiguares:

“Certa feita, José Coriolano andava trabalhando para um amigo, fulano de tal Navega, que se mostrava um tanto impontual no pagamento e exageradamente pródigo em financiar o consumo da moça-branca. Daí veio o mote e a glosa se fez entre duas lapadas...”

**É melhor beber cachaça
Que trabalhar a navega**

**É melhor beber cachaça
Viver só de má notícia
Ser preso pela polícia
Apanhar em plena praça.
Perder de Jesus a graça,
Beijar o Cão nega – nega,
Receber murro em bodega,
Habitar dentro de um forno.
É muito melhor ser corno
Que trabalhar a navega...”**

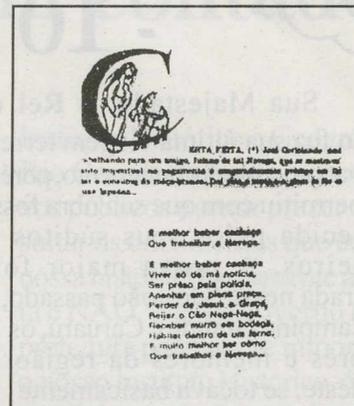


“Com 65 cajus bem vividos, bebidos e farreados no costado, o velho e grande Renato vez por outra vem sofrendo as mazelas da idade. Embora se confesse distante do feito náutico em dobrar o Cabo da Boa Esperança, aqui e acolá amanhece com as pernas meio trôpegas e um certo mal-estar na Terra de Ninguém. Ainda outro dia foi ao consultório do Dr. Walfredo de Faria, que depois de um exame cuidadoso e de certo modo humilhante, aconselhou-o a um tratamento em Natal com o Urologista Dr. Pedro Segundo.

-Mas doutor, não tem outro jeito?

-Não, Renato, tem que ser assim mesmo:
**Levando dedo no fundo
Para poder melhorar**

**Vejam a desgraça do mundo!
Depois de velho e cansado,
Vou recordar o passado,
Levando dedo no fundo!
O Dr. Pedro Segundo,
É quem vai aproveitar!
Eu terei de suportar
Esse enfadonho suplício:
Pôr o fundo em sacrificio
Para poder melhorar...”**



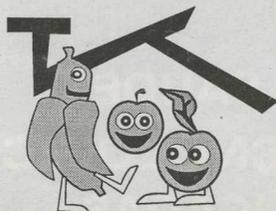
(...) Natal tem, além de palmeiras onde canta o sabiá, o comentarista esportivo mais original deste Brasil velho desmantelado. É o nosso João Cláudio Machado que, educado em Oxford, fala, veste e vive como um anônimo cronista de calçada. Intimidade de pobres e ricos. Na imprensa falada e escrita da província, faz comentários de malícia, graça e gozação. Um dia desses muita celeuma se deu quando numa partida de futebol o magistrado do apito fez vista grossa de uma penalidade máxima. João, que a irradiava, comentou a miopia do juiz, dizendo: **Eu tenho um olho escondido, é cego e também não vê!**

Lá no Assu, o velho Renato, que grudado no rádio acompanhava a peleja, glosou:

**João Machado distraído,
Para ilustrar comentários
Disse entre assuntos vários:
Eu tenho um olho escondido!
Fez bem não ter exibido,
Machado sabe porque.
Vou avisar pra você,
Que o bicho que gosta dele,
É cego e também não vê...”**

João Gothardo Dantas Emerenciano

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax:(084)206-5612

CASA DO PEIXE LTDA



**Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.**



**Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente**



Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085



LUIZ GONZAGA

- 10 Anos de Saudade -



Sua Majestade, o **Rei do Baião** fez sua última viagem terrena há 10 anos, o seu encantamento, porém, não permitiu com que sua obra fosse esquecida pelos seus súditos e herdeiros. A prova maior foi mostrada nesse São João passado, em Campina Grande e Caruaru, os maiores e melhores da região Nordeste, se tocava basicamente as suas mais conhecidas músicas juninas. Os trios tradicionais – formados por um sanfoneiro, um trianguleiro e um zabumbeiro – foram muito prestigiados, mesmo que alguns já tenham incorporado instrumentos como a guitarra-baixo e os metais, tiveram a preferência maior nessas festas e, principalmente nas pequenas cidades interioranas. Dele são as seguintes palavras:

“Gostaria que se lembrassem que sou filho de Januário e Santana. Gostaria que lembrassem muito de mim; que esse sanfoneiro amou muito o seu povo, o sertão. Decantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes. Decantou os valentes, os covardes e também o Amor.”

Nascido no povoado de Araripe, município de Exu – PE, a 13 de dezembro de 1912, teve sua infância toda ligada à área agro-pastoril da região, a influência musical maior de seu pai Januário José de Santana, que, além de consertador de sanfonas, tocava fole de 8 baixos, e a influência religiosa de sua mãe Ana Batista.

Seus principais parceiros foram os seguintes: Miguel Lima (RJ),



Humberto Teixeira (CE), Zé Dantas (PE) e Zé Marcolino (PB). E seus herdeiros diretos são: Gonzaguinha (filho), Daniel Gonzaga (neto), Joquinha Gonzaga (sobrinho) e, o principal deles, seu mais fiel seguidor e afilhado Dominginhos.

Das inúmeras composições feitas e/ou musicadas, por Gonzaga, muitas foram homenagens a pessoas,

fatos e coisas ligadas ao Nordeste e ao Brasil, como exemplos citamos:

- **Asa Branca** (LG/Humberto Teixeira), em 1947, o Hino do Nordeste.

- **ABC do Sertão** (LG/Zé Dantas), em 1953, um incentivo a educação.

- **Vozes da Seca** (Zé Dantas/LG), em 1953, a 1ª música de protesto contra o descaso governamental com relação às secas nordestinas.

- **Paulo Afonso** (LG/Zé Dantas), em 1955, para a Hidrelétrica do Rio São Francisco, a conhecida Cachoeira de Paulo Afonso.

- **A Feira de Caruaru** (Onildo Almeida), em 1957.

- **Marcha da Petrobras** - De 1959, portanto há 40 anos, já consagrado como o Rei do Baião, Luiz Gonzaga colocou música na letra, resultado de uma parceria entre *Nelson Barbalho e Joaquim Augusto*, gravada num disco de 78 rpm, foi um sucesso, há época, que pouca gente conhece nos dias atuais

- **A Triste Partida** (Patativa do Assaré), em 1964, que é um libelo contra a migração dos nordestinos para o centro-sul do País.

- **Tropeiros da Borborema** (Rosil Cavalcanti), 1964, em homenagem ao Centenário de Campina Grande e aos homens que ajudaram-na a se transformar no maior pólo comercial do interior do Nordeste.

- **Toque de Rancho** (LG/J. Ferreira), em 1964, lembranças da época que serviu ao Exército, na década de 1930.

- **A Vida do Viajante** (LG/Hervê

CURSOS DE EXTENSÃO
UNP 1999

Nas Áreas de:

**EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO,
LETRAS E ARTES**

BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

EXATAS E TECNOLÓGICAS

SOCIAIS APLICADAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Campus Floriano Peixoto - Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária

Fone: (84) 215-1104/215-1118/215-1137 Fax: (84) 215-1109 / Inscrições pela internet: www.unp.com.br

Cordovil), em 1979, uma lembrança das viagens pelo Brasil.

- **Plano Piloto** (Carlos Fernando/Alceu Valença), em 1983, homenagem a capital Brasília.

- **Xote Ecológico** (Aguinaldo Batista/Luiz Gonzaga), em 1989, foi gravada em homenagem ao Meio Ambiente e ao líder seringueiro Chico Mendes.

LUIZ GONZAGA E O RIO GRANDE DO NORTE

A sua ligação com o RN não vai apenas pela sua presença em shows pelo interior e em Natal; além de **Cidadão Natalense** ele recebeu os títulos de cidadania de Caraúbas, Pau dos Ferros e Caicó.

A sua primeira biografia foi escrita pelo poeta potiguar **Zé Praxédi** – O Poeta Vaqueiro – em 1952, editado pela Continental Artes Gráficas, de São Paulo - SP, com apoio do ex-Presidente, também norterio-grandense, Café Filho, e tem o título de **LUIZ GONZAGA E OUTRAS POESIAS**.

No ano de 1976, ou 77, o nosso querido amigo e poeta assuense, **Celso da Silveira**, dedicou-lhe o título honorífico, extra-oficial, de **CIDADÃO DA GÔTA SERENA**, movido pela empolgação e por umas doses de uísque, numa solenidade em praça pública na cidade paraibana de Marí, aonde o Rei do Baião estava recebendo os títulos de cidadania de Marí, Sapé e Guarabira.

Numa apresentação em **Alexandria**, na carroceria de um caminhão, defronte a Farmácia de seu Antônio Emídio, ao cantar o trecho de *A Volta da Asa Branca* (LG/Humberto Teixeira) – “*A seca fez eu desertar da minha terra /*



Luiz Gonzaga com Zé Dantas, o compositor do protesto que “tinha cheiro de bode pai de chiqueiro, de barrão safado do Sertão”.

Mas felizmente Deus agora se alembrou / De mandar chuva pr’ esse sertão sofredô / Sertão das muié séria, dos hôme trabaiaadó!” Provocou o comentário hilário do farmacêutico:

“– *Mais faz muito tempo que esse nêgo num vem ao sertão!!!*”

Algumas de suas composições estão ligadas ao nosso estado:

Algodão (LG/Zé Dantas) – que lembra muito a cultura do ouro branco, na região Seridó até a chegada do bicudo por volta dos anos 80;

Siridó (LG/Humberto Teixeira), foi uma música onde tentou, com o sucesso de **BAIÃO** (LG/HT), divulgar uma nova dança, o Siridó, esta não emplacou.

Lampião, era besta não (Solange Veras) – Faz uma

referência, no seu primeiro verso, a maior derrota de Lampião e seu bando, em terras potiguares: “*Lampião era valente, / Valente como ele só. / Mas levou uma carreira / Dos cabras de Mossoró. / O pique foi tão danado / Que lascou o mocotó.*”

Queixumes, canção gravada por ele na década de 50, é uma parceria do violonista potiguar **Henrique Brito**, com o sambista Noel Rosa.

Ranchinho de Paia, que foi gravada no LP *A Festa*, 1984, é do nosso conhecido poeta assuense **Chico Elion**.

Kyldelmir Dantas

** Pesquisador, sócio da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço-SBEC. É de Nova Floresta – PB.*

Prepare-se para o novo Milênio!

VESTIBULAR 2000

De 25 de outubro a 20 de novembro

Valor de Inscrição

De 25 outubro a 06 de novembro: com bônus de R\$ 70,00 = R\$ 50,00

Informações

Campus Salgado Filho
215-1201/215-1210

 UNIVERSIDADE POTIGUAR

Grupo de Bandidos que atacaram Mossoró em 13 de Junho de 1927, sendo
 repellidos.
 Phot. Tirada em Limoeiro (Ceará) em 16 de Junho 1927.



- 1- Sabino - 2 Navieiro - 3 Delfino (Marmaco) - 4 Ezequiel - 5 Virgulino Ferreira LAMPEÃO - 6 Luiz Pedro -
- 7 Massilon Benevides - 8 Virginia - 9 Valdação - 10 - Mergulhão - 11 Coqueiro - 12 José Roque - 13 Felix -
- 14 Miúdo - 15 D.ª Maria Rosa (Prisioneiro) 16 Cel. Antonio Gurgel (Prisioneiro) 17 Cel. Moreira (Prisioneiro)
- 18 Leite (Prisioneiro) - 19 Serra d'Ouman - 20 José Cocco - 21 José Prefinho - 22 Maurão - 23 Benedicto -
- 24 Jafobá - 25 Alagoano - 26 Pinhão - 27 Trovão - 28 Miguel - 29 Euclides - 30 Rio Preto - 31 L. Sabino -
- e mais 14 que ficaram nas Trêcheiras.